

REPRESENTAÇÕES E RELAÇÕES DE GÊNERO EM LIMA BARRETO

Jomar Ricardo da Silva¹
Cloves Fernandes da Costa Neto²

Universidade Estadual da Paraíba, email institucional: dep.cienciasociais@ceduc.edu.br

Resumo: O período histórico do século XIX e transição para o século XX é marcado por uma diversidade de acontecimentos que desenvolvem de maneira implícita diversas questões, tais como a forte submissão sofrida pela mulher em suas relações matrimoniais. Lima Barreto que possuía um olhar aguçado com relação às diversas questões que se formavam em torno da sociedade da época, deixou um legado em forma de contos, crônicas e romances, em que dentre as problemáticas abordadas em suas obras, encontra-se a relativa às relações de gênero como as que identificamos no livro *Numa e Ninfa* (2001). Para tal estudo, foi pertinente a análise da biografia do escritor, que nos permitiu traçar um perfil socioeconômico e visão de mundo de Lima Barreto, através das análises presentes em suas obras. A partir da análise de sua obra, foi desenvolvido uma apreciação completa, observando os pontos relativos à educação, gênero e relações familiares.

Palavras-chave: Amor; gênero; matrimônio.

1 Professor Doutor em Educação pela UFRN e docente Associado do DCS da UEPB

2 Graduando do Curso de Licenciatura em sociologia da UEPB e aluno bolsista PIBIC - cota 2017-2018

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como temática as concepções das relações de gênero do escritor Lima Barreto. Ele foi um escritor, nascido em 1881 que trabalhou em sua obra a cidade do Rio de Janeiro, local em que nasceu, como também as tensões sociais peculiares ao período dos primeiros vinte anos da república. Ainda novo veio a morrer em 1922, em decorrência de consumo de álcool e vítima de um colapso cardíaco.

Sua obra e consciência étnica estavam no âmbito da realidade que dela emerge e que com ela estabelece diálogo. Seus escritos registram os acontecimentos sociais resultantes das redefinições sucedidas no país e no mundo, durante a segunda metade do século XIX. A partir de 1870, houve rápidas transformações em decorrência da aplicação do conhecimento científico à produção industrial, no continente europeu. Por conseguinte, houve desenvolvimento da indústria baseado nas descobertas no setor químico e na eletricidade (HOBSBAWM, 1997, p. 70).

Dentre a diversidade de leituras possíveis, queremos destacar a vertente que se tornou objeto de estudo do pesquisador na presente obra. Vertente essa que está relacionada ao matrimônio e condições sociais da mulher em Lima Barreto. Dessa forma, subentende-se o rico conteúdo teórico e metodológico diversificado que abrange as mais variadas exigências de análise. Este trabalho justifica-se por sua importante temática no que concerne o espaço em que a mulher está inserida, desde seus enlances matrimoniais, até os papéis sociais que ocupa, trazendo sua leitura a partir de uma realidade tratada na obra presente no período de transição do século XIX para o século XX, mas que torna-se atual na medida em que permite o entendimento do processo de construção social em que se trava as relações de gênero.

METODOLOGIA

Para realizarmos uma interpretação dos aspectos relativos acerca das contribuições de Lima Barreto para a construção de ideia de nação, vamos utilizar os conceitos de representação. Concernente à noção de representação, na perspectiva de se investigar esse processo, a história cultural contribui pela definição do seu objeto. A sua preocupação está centrada na busca da compreensão dos motivos das posições e interesses dos atores sociais que designam a realidade a partir de sua cosmovisão (CHARTIER, 1990, p.19).

Na sua obra, Lima Barreto deixa pistas da sociedade da sua época. Então, a utilização das obras literárias como fonte, foi na perspectiva de, por intermédio dela, encontrar as representações engendradas pelos encontros dos vários grupos sociais (SILVA, 2010, p.72). E afinal, segundo Roger Chartier, as representações dizem respeito ao modo como em diferentes lugares e tempos a realidade social é construída por meio de classificações, divisões e delimitações.

Concernente às relações vivenciadas entre homens e mulheres, vamos utilizar a categoria de gênero que surgiu na década de 1980, possibilitando que esse campo conquistasse seu próprio espaço, por ser um termo neutro, distante das imediatices ideológicas (SCOTT, 1992, p. 64-65). O referencial significou a ampliação dos interesses dos historiadores das mulheres que passaram a “incluir as relações entre os gêneros em geral e a construção histórica, tanto da masculinidade quanto da feminilidade” (BURKE, 1992, p.36).

Entendemos as relações de gênero no interior de uma sociedade através do conceito de configuração, tratado por Norbert Elias (1970) como os laços de interdependência a jungir os indivíduos. Os procedimentos, para se chegar aos objetivos determinados, dada as características da pesquisa, obedecem ao método indiciário. O método era utilizado na perícia de obras de arte, com intuito de diferenciar as legítimas das falsas, investigando aspectos aparentemente irrelevantes de um quadro, e menos influenciados pelas características da escola a que o autor pertencia.

Em se tratando de realizar uma pesquisa utilizando com fonte a obra de Lima Barreto, o emprego do método indiciário, com o objetivo de refletir acerca das contribuições de ideia de nação, demonstra ser mais adequado porque este autor possui noções e ideias, disseminadas na sua obra, sobre a identificação do sentido da nacionalidade brasileira.

Com a finalidade de atingirmos os objetivos estabelecidos neste trabalho, realizamos uma prévia seleção de fontes para o desenvolvimento da pesquisa, que constitui a escolha de duas obras do autor possibilitando a coleta de informações necessárias para a análise. O critério para a opção recaiu sobre aqueles textos que contemplavam, de maneira mais explícita possível, o objeto da pesquisa e que são discriminados a seguir.

Numa e ninfa – O contexto do romance é a vida política brasileira, percebida por intermédio de debates e polêmicas na Câmara Federal. A obra revela os meios em que os indivíduos procuram a política para ascenderem socialmente. O caso enfocado foi o da

personagem Numa Pompílio, um bacharel em Direito, que por razões políticas assume o cargo de delegado de polícia e casa-se com Edgarda, Filha do Senador Neves Cogominho, para num arranjo familiar satisfazer a manutenção dos laços clientelístico do sogro e a ambição de poder do pretendente, de origem humilde, filho de funcionário de um hospital Militar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O período de transição do século XIX ao século XX representou historicamente um marco na sociedade brasileira. Com eventos específicos da época que moldaram as formas de viver e estar no mundo. Acontecimentos que determinaram por muito tempo o papel de cada indivíduo em sociedade. Um reflexo disso está na submissão sentida pela mulher que refletia seus efeitos nos mais variados campos das esferas sociais. Assim, se torna passível o entendimento de que no período histórico retratado a mulher não era detentora dos direitos sociais e éticos igualitários aos homens.

O próprio processo de educação resultou numa submissão em que a mulher estava inserida acarretando a sua desvalorização no mercado de trabalho e intensificou sua funcionalidade no seio familiar ocasionando a necessidade de preservação da preponderância do homem enquanto “chefe” da casa. Nesse contexto, a mulher foi inserida em uma relação em que o casamento passou a ser visto como indispensável para sua existência, representando uma ordem social, tendo como principal consequência à escassez da figura do amor apaixonado e repleto de companheirismo em sua relação conjugal.

“Numa e a Ninfa: romance da vida contemporânea”. Esse romance foi publicado em 1915 e de forma crítica trás a tona o período de governo do marechal Hermes da Fonseca. A obra possibilita uma leitura abrangente sobre diversos aspectos presentes, tais como o de possíveis leituras sobre as condições sociais da mulher nesse período e as relações de gênero presente no âmbito social.

Roger Chartier em “o mundo como representação” trata um intenso discurso sobre o conceito de história cultural, em que ressalta o fato de que ela tem como objetivo principal identificar como uma determinada realidade social é pensada e construída, apresentando-se como sendo determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Dessa forma, torna-se explícito que o desafio se elucida em termos de poder e dominação.

Assim como vimos acima, é no sentido dessa relação de poder que utilizaremos do

conceito de história cultural em Roger Chartier para realizar uma leitura com mais precisão desse processo que se constitui a dominação exercida e refletida no modo de ser e estar em sociedade a partir de suas particularidades tais como a figura do casamento. A obra “Numa e a Ninfa” de Lima Barreto possibilita a compreensão das condições sociais da mulher e as relações de gênero presente no âmbito social. No período histórico de transição do século XIX para o século XX o casamento passou a tomar novas proporções, em que se observou sua potencialidade em termos de garantia e segurança financeira para a mulher, trazendo um sentido de estabilidade social.

O século XIX altera o sentimento amoroso, acrescentando características mais humanas, digamos, de 'carne e osso', e as obras literárias encarregam-se de dessacralizar o casamento, o qual passa a ser visto como um jogo de interesses em que o poder do dinheiro impunha-se mais fortemente (SACRAMENTO, 2003).

O romance *Numa e a Ninfa* narra diversas histórias que se travam em torno de discursos correlacionados com questões sociais, políticas e emocionais. Um nome principal que se encontra presente na obra é o de Numa Pompílio de Castro que representa um homem de origem pobre que através dos estudos conseguiu acender socialmente e profissionalmente.

Numa Pompílio de Castro, a recente glória da tribuna política nacional, cuja biografia ocupou quatro páginas da *Os Sucessos*, não tinha história nem interessante nem longa. Filho de um pequeno empregado de um hospital do Norte, fizera-se bacharel em Direito à custa das maiores privações (BARRETO, 2001, p.419).

Com o objetivo fortuito de “vencer na vida”, Numa Pompilio de Castro buscava ascender socialmente por meio do casamento, em que enxergava uma grande oportunidade de estabilidade social.

De indústria, o juiz se mantivera até então solteiro. Esperava, com rara segurança de coração, que o casamento lhe desse o definitivo empurrão na vida. Aproveitara sempre o seu estado civil para encarrear-se. Ora ameaçava casar com a filha de Fulano e obtinha isto; ora deixava transparecer que gostava da filha de Beltrano, e conseguia aquilo; e se estava chefe de polícia, devia ao fato de ter julgado o Coronel Flores, poderosa influência do município de Catimbão, que Numa pretendia casar-se com a filha dele (BARRETO, 2001, p.422).

Numa aproximou-se de um homem com grande influência política em quem enxergou a oportunidade de ascender socialmente por meio de um possível laço conjugal com sua filha. Esse homem era o chefe da oligarquia local Neves Cogominho. “Numa tratou de casar-se com a filha de Cogominho e não viu diante dele obstáculo algum, como

aquele não vira quando tratou de casar-se com a filha do capitalista Gomes” (BARRETO, 2001, p.422)

Neves Cogominho que permitiu sua filha casar-se com Numa Pompílio também via com bons olhos a possível união pelo fato de perceber a utilidade do casamento como sendo boa para sua política. Dessa forma, observa-se que o casamento é instituído enquanto interesses individuais intrínsecos nos laços matrimoniais.

Conhecendo a fama do rapaz no Estado, a sua influência, o seu atrevimento, o seu despudor em fazer do seu cargo judicial instrumento das ambições políticas do partido e de opressão para os adversários, Cogominho percebeu bem que era melhor tê-lo por aliado, antes que se unisse a Flores quase sempre disposto a não lhe obedecer totalmente (BARRETO, 2001, p.423).

Numa Pompílio baseado no seu mais particular jeito de ser, enxergou no casamento uma forma eficaz para engajar no processo de crescimento social. Nesse sentido, o casamento é instituído como “contrato social” necessário para um fim que corresponda a expectativas individuais dos envolvidos na união conjugal como o caso de Numa Pompílio e seu sogro Neves Cogominho. Os frutos desejados são externados na busca pela aquisição da estabilidade financeira e social, enquanto o aspecto sentimental ficou sendo o menos relevante, sendo substituído todo o elemento do romance moderno pela construção de laços de interesses correspondidos no processo social.

Neves Cogominho ficou em Itaoca acabando o mandato de presidente; e, durante o primeiro ano, o genro foi fazendo com cautela a sua iniciação de deputado e de bacharel bem casado. Não faltava às sessões, conversava pouco, não adiantava opiniões e guardava de cor as de Bastos, à cuja casa não deixava de ir em obediências às recomendações do sogro (BARRETO, 2001, p.423).

Neves Cogominho citado anteriormente, chefe da oligarquia local com grandes influências políticas despertou os interesses ambiciosos de Numa Pompílio que rapidamente enxergou no casamento com a filha de Cogominho, a senhorita Edgarda, o meio necessário para conquistar sua tão almejada estabilidade e visibilidade no mundo político e social. Podemos identificar, portanto, esse aspecto exposto anteriormente no momento em que a obra relata que Edgarda não teve alternativa a não ser aceitar a escolha de seu pai e casar-se com um desconhecido para satisfazer os anseios de seu patriarca, entretanto, não se mostrava satisfeita e nem um pouco empolgada com esse matrimônio.

A mulher em que o casamento já começava a pesar, aborrecia-se com essa obscuridade. Não o amara, não o supunha inteligente, mas havia não sei que de organizado nele, de médio, de segurança de processo, que esperou sempre que a política o fizesse pelo menos conhecido; mas, assim não o queria e o seu enlace era um desastre sem desculpa aos seus olhos (BARRETO, 2001, p.424).

Numa casou-se com Edgarda, a filha de Neves Cogominho, que apesar de ser seu oposto foi nela que encontrou a melhor oportunidade para subir na vida de uma vez por todas:

Veja só, Edgarda, quase todos os homens importantes do Brasil têm casado com moças educadas aqui. A mulher do Indalécio, O Ministro da Justiça, foi nossa discípula; a Rosinha, que se casou com o Castrioto, do Supremo Tribunal, também; e a mulher do almirante Chavantes? e a Laurentina? como era bonita, meu Deus! Coitada! essa morreu cedo mas o marido foi longe. É rara, minha filha, a educanda nossa que não leva o marido longe (BARRETO, 2001, p.433).

Não demorou muito para usufruir as benéficas que seu casamento o proporcionava: Passou a ocupar funções em benefício de suas influências, tais como cargo na Câmara dos Deputados e como forma de externar seus status quo anteriormente adquiridos, mudou-se para o Rio de Janeiro, na época, capital federal.

Por ter construído sua vida sob influências geradas por meio de relações de interesses como o próprio casamento, Numa se tornou uma figura sem muita importância, e tornou-se uma pessoa inexpressiva. Segundo Barreto (2001) a existência de Numa Pompílio de Castro, enquanto deputado causou espanto por sua presença quase desconhecida na câmara e verdadeiramente do público, em que se fez necessário a figura do seu sogro Cogominho para que ele, Numa Pompílio fosse identificado e notado.

Esperava-o na Câmara barulhento, discutindo e ele vivia calado; esperava-o atacado pelos jornais da oposição e eles não diziam nada; esperava-o conhecido de todos e ninguém o conhecia, até mesmo as suas amigas. Ainda há dias a Hortênsia não lhe tinha perguntado: “Edgarda, teu marido é deputado?” Precisava animá-lo; fazia-se mister isso (BARRETO, 2001, p.424).

Edgarda, filha de Neves Cogominho apesar de seu desinteresse sentimental por Numa, enxergou no casamento uma maneira pela qual poderia obter conquistas, reconhecimento público e distinção na alta sociedade carioca da época. Assim, para que o sonho de ambos se concretizasse se fez necessário construir a figura de Numa como deputado, homem político, onde, Edgarda se empenhou e exerceu papel importante, sendo fundamental na construção e personalização de discursos que posteriormente foram utilizados e possibilitaram o sucesso ostentado pelo marido.

A mulher do século XIX possui pouca visibilidade no mercado de trabalho da época por ter como principal função o cuidado com o lar. Por meio de lutas, diversas conquistas se tornaram realidades e isso possibilitou um novo futuro para a mulher frente a diversidade social existente no presente século. Na obra de Lima Barreto, as mulheres aparecem em sua maioria como sendo potencializadas a desempenhar papéis de

conselheiras e ajudadoras no processo que marca o sucesso de seus companheiros ocupando os mais diversos cargos de renome.

A figura feminina presente em todo o contexto da obra carrega de maneira intrínseca uma ideologia que transmite o sentido de que a mulher deve ocupar papéis menos privilegiados na sociedade, como o de ajudadora, conselheira e dona do lar. Edgarda, uma das protagonistas da obra, exibe bem essa função ideológica gastando boa parte do tempo em ofícios do matrimônio.

O casal Numa Pompílio e Edgarda continuou a viver sem muita novidade, apesar das diferenças, viviam um ao lado do outro, sem grandes eventos sentimentais, sem características de um casal apaixonado, mantinham a aparência constantemente e colocavam a carreira política e suas vidas frente à sociedade da época como objetivo principal de sua união. Numa Pompílio de Castro continuava suas atividades políticas e Edgarda prosseguia no seu comprometimento em alavancar a carreira do marido.

A vida do casal continuava a ser a mesma. Viviam um ao lado do outro, sem grandes ternuras, sem ódio, sem também a perfeita e mútua penetração que o casamento supõe. Pareciam habituados àquele viver desde muito tempo; e D. Edgarda costumava a velar, a animar a carreira política do marido, maternalmente (BARRETO, 2001, p.433).

Apesar de suas diferenças entenderam que seria necessário a convivência e que um precisava do outro para se manter. Edgarda por muito tempo se dedicou em montar os discursos para o marido, eram belos discursos que possibilitavam que Numa ganhasse visibilidade, portanto, era ela a responsável por preparar os discursos que formavam a imagem de Numa, e ele por sua vez não deixava ficar explícito que os livros que comprava eram para a mulher, pois era bom a sua imagem e se orgulhava do hábito da esposa, ele sempre:

Passava frequentemente pelas livrarias, comprava um e outro dava-os à mulher que sempre tivera o hábito de ler. E ela lia poetas, lia os romances, e foi alargando o campo de leitura. Deste e daquele modo foi completando a sua instrução, adquirindo essa segunda que as mulheres, no dizer de Balzac, só adquirem com um homem. Apanhara bem a relação que há entre a vida que não vivera e o livro que lia: entre a realidade e a expressão (BARRETO, 2001, p.439).

Em um dia ensolarado, enquanto Numa se deleitava em decorar seus discursos, Edgarda pega um bonde e percorre diversas ruas do Rio de Janeiro. Com aspecto tranquilo como em um dia normal. Contudo, se dirige a um ambiente em que não estamos habituados observar sua presença em nenhum momento na narrativa da obra. Neste

momento é inserido um novo cenário que desperta a curiosidade do leitor sobre o que Edgarda estaria fazendo naquele local.

Quem visse D. Edgarda, após descer um pequeno trecho da ladeira de Santa Teresa, tomar um bonde do Rocio Pequeno, havia de julgar que ia apanhar condução que a levasse ao Rio Comprido ou à Tijuca, par fazer alguma visita. O seu ar natural, a sua atitude de inteira tranquilidade davam a entender que continuava a cumprir os seus deveres sociais de grande senhora; entretanto, antes que o veículo começasse a trepar a ladeira que existe quase ao fim da velha azinhaga de MataCavalos, ela saltou muito naturalmente, apanhou a calçada, dobrou esta e aquela rua e entrou com segurança em uma casa modesta. Muito pobre de aparência (BARRETO, 2001, p.465).

Nesse momento inicia-se uma nova descoberta na obra de Lima Barreto, onde, a mulher, Edgarda que até então era tida como submissa às vaidades de seu pai e de seu marido, agora está se mostrando um tanto que independente rompendo com o padrão de mulher do século XIX. Edgarda se dirigia ao subúrbio, ação essa que desperta a curiosidade sobre o que atraia a atenção dela naquele local. Segundo Barreto (2001) na casa em que Edgarda foi visitar morava uma velha rapariga, com sua filha costureira e seu filho.

Edgarda se mostra familiarizada com aquele ambiente, onde, adentrou a casa e logo perguntou pelo rapaz que ali morava, o rapaz tinha o nome de Benevenuto e era seu primo. “Benevenuto era moço de trinta e poucos anos, alto e tinha o olhar miúdo e penetrante. O seu parentesco com a esposa de Numa era por parte da mãe dela”. (BARRETO, 2001, p.532). Algo inesperado acontece quando eles se encontram “O primo já estava no interior, quando Edgarda lá entrou. Ao vê-la, ele se levantou e um instante beijou-se, sem dizer palavra” (BARRETO, 2001, p.466).

Edgarda até então foi apresentada em todo o tempo como uma moça sem anseios próprios, que vivia para o lar e para a construção da imagem política do marido por meio de seus discursos bem feitos. Entretanto, nesse momento é possível identificar uma representação até então sem muita expressão na obra. Edgarda que se casou com Numa Pompílio de Castro por obediência a seu pai e por estabilidade social, possuía em si algo até então desconhecido pelo leitor. Edgarda amava alguém que não era o seu marido.

Parentes próximos, conhecidos desde meninos, o amor só brotou neles depois do casamento da prima. Nunca se haviam conhecido bem, nunca se tinham compreendido; e, nela, o matrimônio como que lhe deu um outro sentido, um antena que descobriu no primo o que lhe exigiram a imaginação e a inteligência (BARRETO, 2001, p.466).

O casamento de Edgarda, proporcionava a ela uma certa vitrine por ocupar uma posição de esposa do deputado. Socialmente era bem vista e usufruía dos benefícios desse matrimônio, entretanto, enquanto marido Numa Pompílio deixava muito a desejar, o que despertava o sentimento de Edgarda por seu primo Benevenuto que se apresentava como um homem inteligente e de atitude.

Se o marido não quis em começo corresponder a esses desejos, era, entretanto, bastante plástico para ser modelado por eles; o primo, porém, com uma personalidade mais forte, em que sobravam tantas aptidões, não seria capaz de plasmá-los; e sempre mostrara pelos políticos uma indiferença, senão um desdém superior (BARRETO, 2001 p.466).

No dia seguinte em que Numa deveria expor toda sua desenvoltura de seu discurso preparado por Edgarda, foi surpreendido por um parlamento conturbado. Sofreu acusações, foi um momento em que todos se encheram de expectativas, esperavam ver a desenvoltura de uma bela oratória. Entretanto, ele não conseguiu se expressar, não conseguiu se consagrar, e a impressão geral não foi das melhores. Numa sai envergonhado e recorre a Edgarda que sentiu a necessidade de preparar um novo discurso, pois a imagem do marido estava ameaçada.

Contou-lhe Numa então toda a história e a necessidade que havia de fazer um discurso no dia seguinte. A mulher concordou e dispôs-se a compô-lo completo e perfeito. Numa descansaria, acalmar-se-ia; e, de madrugada, depois do repouso, estudá-lo-ia, e estaria resgatado. Jantaram; Numa mais calmo e a mulher mais esperançada. Os criados tiveram ordem de dizer que os patrões tinham saído. O deputado foi dormir e a mulher trancou-se na biblioteca trabalhando na oração do marido (BARRETO, 2001, p.553).

Deixou o marido descansar e foi direto para a biblioteca, onde, viraria a madrugada escrevendo. Numa iria descansar para estudar logo após que o discurso tivesse pronto. A noite avançou e ele se entregou ao cansaço e dormiu e imaginando que por as coisas estavam sob controle em casa, afinal, Edgarda ainda se deleitava em servi-lo.

Ele teve todo o tempo para conquistar os sentimentos de sua esposa, mas preferiu seguir a lógica patriarcal da época em que a mulher está é vista como submissa. Não enxergou o casamento como um meio para a felicidade, mas buscou nele o caminho para o sucesso. Numa mal imaginava as surpresas que a vida lhe reservava. Ao acordar no meio da noite sentiu vontade de agradecer a Edgarda por seu esforço, mas descobre o que não queria. Quem produzia seus discursos era o primo Benevenuto da sua esposa, Edgarda tinha um amante e esse seria o preço do sucesso. Ao se deparar com a cena, Numa entende que aquela descoberta custaria todo o sucesso adquirido e escolhe viver com aquilo a perder o que seu casamento o proporcionava.

Pensou em ir ver a mulher; em ir agradecer-lhe com um abraço o trabalho que estava tendo por ele. Calçou as chinelas e dirigiu-se vagarosamente, pé ante pé, até o aposento onde ela estava. Seria uma surpresa. As lâmpadas dos corredores não tinham sido apagadas. Foi. Ao aproximar-se, ouviu um cicio, vozes abafadas... Que seria? A porta estava fechada. Abaixou-se e olhou pelo buraco da fechadura. Ergueu-se imediatamente... Seria verdade? Olhou de novo. Quem era? Era o primo... Eles se beijavam, deixando de beijar, escreviam. As folhas de papel eram escritas por ele e passadas logo a limpo pela mulher. Então era ele? Não era ela? Que devia fazer? Que descoberta! Que devia fazer? A carreira... o prestígio... senador... presidente... Ora bolas! E Numa voltou, vagarosamente, pé ante pé, para o leito, onde sempre dormiu tranquilamente (BARRETO, 2001, p.554).

Dessa forma, a obra *Numa e a Ninfa*, de Lima Barreto apresenta-se como sendo de grande abrangência no que tange o entendimento do matrimônio e das condições sociais da mulher na época retratada. Sendo trabalhado tanto sobre os interesses que se aglutinavam em torno dos homens e mulheres da época para a efetivação dos laços matrimoniais como diversos outros aspectos de grande relevância.

Numa Pompílio era tido como um deputado de vastos conhecimentos, por sempre estar nas livrarias da cidade e pronunciar discursos elegantes e sólidos. Na realidade, ele encontrava-se nas lojas de livros para granjear a reputação conquistada e comprar livros para Edgarda, sua esposa, que era na casa quem consumia as compras do marido, indicadas por ela. No consórcio matrimonial estabelecido pela família, Edgarda, com o passar do tempo, passou a se desinteressar por Numa Pompílio e começou a se sentir atraída por um primo dela chamado Benevenuto. Desta relação advinha todo o êxito do deputado, que depois de descobrir a traição preferiu manter o casamento a prejudicar seu sonho de ser ministro ou Presidente da República.

CONCLUSÃO

Ao término da análise foi possível compreender a importância da obra literária *Numa e a Ninfa* no estudo sobre as representações e relações de gênero sob a ótica de Lima Barreto, pois ultrapassa os limites impostos a literatura e possibilitam uma nova abertura referente ao estudo de gênero na atualidade. O espaço se torna dinâmico a partir das relações existentes em que se trava a luta pela inserção da minoria nos mais diversos lugares sociais. Estudar a relações de gênero tomando como base teórica uma obra literária de um autor como Lima Barreto que vivenciou o período sobre o qual escreveu, potencializou o processo e efetivou a riqueza teórica metodológica do nosso estudo.

A realização desta pesquisa também possibilitou a reflexão sobre os métodos utilizados para a obtenção dos resultados. A bibliografia disponível se revela rica em conteúdo tendo em vista que boa parte da análise se deu a partir de seu estudo, contudo, vale ressaltar, que também foi necessário recorrer a outras fontes de autores como Roger Chartier em “O mundo como representação” para a construção de nosso referencial teórico. Sendo assim, os resultados obtidos a partir das fontes utilizadas permitiram a obtenção de conhecimento que não poderiam ser encontrados a partir dos meios convencionais de pesquisa sem a utilização da literatura de Lima Barreto como fonte principal.

Os personagens da obra representam os atores sociais da época, que descortinam as relações de casamento, submissão e amor, sem esquecer as diferenciações dos papéis enquanto atores sociais, revelando como se desenvolve esses processos e, apresentando-se como capazes de gerar conhecimento e como meios reveladores da própria história da construção social a partir das representações e relações de gênero.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

BARRETO, Lima. Numa e a Ninfa. In: Vasconcellos Eliana (Org.). *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2011.

SACRAMENTO, Sandra. O amor em terras brasileiras. Resenha DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil. São Paulo: Contexto*, 2005. 330 p. In: *Revistas Estudos Feministas*. Florianópolis, 14(1): 305-323, janeiro-abril/2006 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100022. Acesso em: 18/03/2018

SILVA, Jomar Ricardo da. *A Educação da mulher em Lima Barreto*. 2007. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14214/1/JomarRS.pdf>. Acesso em: 20/03/2018

HERNANDEZ, José; OLIVEIRA, Ilka. *Os componentes do amor e a satisfação*. Revista *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, vol.23 n. Mar. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000100009. Acesso em: 17/03/2018.

HOBSBAWM, Eric. J. *A era dos impérios: 1875-1914*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.